

ERIC SCHLOSSER

# Comando e controle

*Armas nucleares, o acidente de Damasco  
e a ilusão de segurança*

*Tradução*

Laura Teixeira Motta

Copyright © 2013 by Eric Schlosser  
Todos os direitos mundiais reservados ao proprietário.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Command and Control: Nuclear Weapons, the Damascus Accident, and the Illusion of Safety

*Capa*

© Design by Matthew Young

*Ilustração de miolo*

© Gideon Kendall

*Preparação*

Eliana Medeiros

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Schlosser, Eric

Comando e controle : armas nucleares, o acidente de Damasco  
e a ilusão de segurança / Eric Schlosser ; tradução Laura Teixeira  
Motta. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: Command and Control: Nuclear Weapons, the  
Damascus Accident, and the Illusion of Safety

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-2638-5

1. Armas nucleares — Acidentes — Arkansas — História 2. Armas  
nucleares — Acidentes — Estados Unidos — História 3. Armas  
nucleares — Estados Unidos — Medidas de segurança 4. Armas  
nucleares — Política governamental — Estados Unidos 5. Estados  
Unidos. Força aérea. Comando aéreo estratégico. Estratégico de  
misséis Asa, 308 6. Titan (Míssil) — História 1. Título.

---

15-07086

CDD-363.17990976774

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Controle de armas nucleares :  
Problemas sociais 363.17990976774

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

<i>Nota do autor</i> . . . . .	13
<i>Lista de personagens selecionados</i> . . . . .	15
<i>Siglas, abreviaturas e termos</i> . . . . .	19

## PARTE UM — O TITAN

Isso não é nada bom . . . . .	27
New Wave . . . . .	32
Proibido circular desacompanhado . . . . .	42
Esferas dentro de esferas . . . . .	59
Perigos potenciais . . . . .	80

## PARTE DOIS — MAQUINARIA DE CONTROLE

As melhores, as maiores e as mais numerosas . . . . .	99
Transgressão . . . . .	127
Megamorte . . . . .	145

## PARTE TRÊS — ACIDENTES ACONTECERÃO

Riscos aceitáveis . . . . .	175
-----------------------------	-----

Combinação ótima . . . . .	203
Invasão . . . . .	237

PARTE QUATRO — FORA DE CONTROLE

Decapitação . . . . .	273
O limiar . . . . .	304
Ambiente anormal. . . . .	334

PARTE CINCO — DAMASCO

Equilíbrio e desequilíbrio . . . . .	365
A fita errada . . . . .	388
Como o inferno . . . . .	415
Confirmar ou negar. . . . .	440
Fim . . . . .	458
Epílogo . . . . .	484

<i>Agradecimentos</i> . . . . .	510
<i>Notas</i> . . . . .	515
<i>Referências bibliográficas</i> . . . . .	621
<i>Índice remissivo</i> . . . . .	659

**PARTE UM**

**O TITAN**

# Isso não é nada bom

Em 18 de setembro de 1980, por volta das 18h30, o cabo da Força Aérea David F. Powell e o soldado Jeffrey L. Plumb<sup>1</sup> entraram no silo do Complexo de Lançamento 374-7, situado alguns quilômetros a norte de Damasco, no Arkansas. Pretendiam executar um procedimento de manutenção de rotina em um míssil Titan II. Haviam passado incontáveis horas no subsolo em complexos iguais a esse. Mas não importava quantas vezes entrassem no silo, o Titan II sempre os impressionava. Era o maior míssil balístico intercontinental já construído nos Estados Unidos: três metros de diâmetro por trinta metros de altura,<sup>2</sup> o tamanho aproximado de um prédio de nove andares. Seu revestimento de alumínio com acabamento fosco tinha os dizeres US AIR FORCE pintados em letras grandes na lateral. O cone do nariz no alto do Titan II era totalmente preto, e lá dentro estava uma ogiva termonuclear W-53, a arma mais poderosa já transportada por um míssil americano. A ogiva tinha potência de nove megatons,<sup>3</sup> mais ou menos o triplo da força explosiva de todas as bombas lançadas durante a Segunda Guerra Mundial,<sup>4</sup> incluindo as duas bombas atômicas.

Dia ou noite, inverno ou primavera, o silo parecia sempre igual. Era inquietantemente silencioso, com lâmpadas de vapor de mercúrio nas paredes banhando o míssil em um intenso fulgor branco. Ao abrir a porta em um nível inferior e entrar no tubo de lançamento, o Titan II se agigantava sobre você

como uma imensa bala de prata com a ponta preta, carregada em um tambor de concreto, preparada, empinada, pronta para partir em direção ao céu.

O míssil foi projetado para ser lançado dentro de um minuto e atingir um alvo à distância de até 9,6 mil quilômetros. Para isso, o Titan II possuía um par de propelentes líquidos — um combustível de foguete e um oxidante —, que eram “hipergólicos”:<sup>5</sup> assim que entravam em contato um com o outro, ocorria uma ignição instantânea inevitável. O míssil tinha dois estágios, e no interior de ambos um tanque de oxidante se sobrepunha a um de combustível, com tubos que desciam até um motor. O estágio 1, que subia por cerca de vinte metros a partir da base do míssil, continha aproximadamente 38 toneladas de combustível e 73 toneladas de oxidante. O estágio 2, a seção superior que abrigava a ogiva, era menor e continha mais ou menos um quarto dessas quantidades. Se o míssil fosse lançado, o combustível e o oxidante fluiriam pelos tubos do estágio 1, se misturariam dentro das câmaras de combustão do motor, entrariam em combustão, emitiriam gases quentes e enviariam quase 230 toneladas de força propulsora pelos bocais supersônicos convergentes-divergentes abaixo deles.<sup>6</sup> Em poucos minutos, o Titan II estaria a oitenta quilômetros do solo.

Os dois propelentes eram extremamente eficientes. E extremamente perigosos. O combustível, Aerozine-50, entrava em combustão espontânea quando em contato com materiais comuns, como lã, trapos ou ferrugem.<sup>7</sup> No estado líquido, o Aerozine-50 era cristalino e incolor. Como vapor, reagia com a água e o oxigênio do ar, transformando-se em uma nuvem esbranquiçada com cheiro de peixe. Esse vapor de combustível podia ser explosivo em proporções baixíssimas de até 2%. Se inalado, podia provocar problemas respiratórios, redução dos batimentos cardíacos, vômitos, convulsões, tremores e morte. Além disso, o combustível era carcinogênico e facilmente absorvível pela pele.

O oxidante do míssil, tetróxido de nitrogênio, era ainda mais perigoso. Por lei federal, classificava-se como “VENENO A”, a mais letal categoria de substâncias químicas produzidas pelo homem. Na forma líquida, seu oxidante era marrom-amarelado e translúcido. Embora não tão inflamável quanto o combustível, podia ter ignição espontânea se entrasse em contato com couro, papel, tecido ou madeira. E seu ponto de ebulição era apenas 21 graus. A temperaturas superiores a essa, o oxidante líquido entrava em ebulição, transformando-se em um vapor marrom-avermelhado com cheiro parecido com o do amoníaco. O contato com a água transformava o vapor em um ácido corrosivo capaz de reagir

com a umidade dos olhos ou da pele e provocar queimaduras graves. Se inalado, o oxidante podia destruir tecidos na parte superior do sistema respiratório e nos pulmões. O dano talvez não fosse sentido de imediato. Seis a doze horas depois de inalar o produto, a pessoa podia ter dor de cabeça, tontura, dificuldade para respirar, pneumonia e edema pulmonar, levando à morte.

Powell e Plumb eram encarregados de reparos em mísseis. Faziam parte da Equipe A do Sistema de Transferência de Propelente (na sigla em inglês, PTS) da 308ª Ala de Mísseis Estratégicos, cujo quartel-general ficava a cerca de uma hora de distância, na Base da Força Aérea em Little Rock. Tinham sido chamados ao local naquele dia porque uma luz de alerta acendera, indicando que a pressão estava baixa no tanque de oxidante do estágio 2. Se a pressão caísse demais, o oxidante não fluiria com facilidade para o motor. Uma “luz baixa” podia significar problema sério: ruptura, vazamento. Mas era bem mais provável que uma ligeira alteração de temperatura houvesse diminuído a pressão no interior do tanque. As unidades de ar condicionado no silo deviam manter o míssil resfriado a cerca de quinze graus. Se Powell e Plumb não encontrassem nenhum vazamento, simplesmente abririam a tampa do tanque de oxidante e acrescentariam um pouco de nitrogênio gasoso. O nitrogênio exercia uma pressão constante sobre o líquido no interior do tanque, empurrando-o para baixo. Era uma tarefa corriqueira, como calibrar os pneus do carro depois de uma longa viagem.

Powell servira em uma equipe do PTS por quase três anos e conhecia bem os riscos do Titan II. Na primeira vez em que estivera em um complexo de lançamento, um vazamento de oxidante criou uma nuvem tóxica que interrompeu as operações por três dias. Ele tinha 21 anos, era um matuto orgulhoso da zona rural de Kentucky, adorava aquele trabalho e pretendia se realistar no fim do ano.

Plumb estava na 308ª fazia apenas nove meses. Não fora treinado para esse tipo de manutenção de míssil nem para lidar com aqueles propelentes. Acompanhar Powell e observar tudo o que ele fazia era considerado o treinamento prático de Plumb. Ele tinha dezenove anos e crescera em um bairro residencial de Detroit.

Apesar de a luz baixa para o oxidante não ser coisa incomum, as ordens técnicas da Força Aérea requeriam que os dois homens usassem equipamento de proteção da Categoria I ao entrar no silo para investigar. “Pôr a Categoria I” significava vestir um traje para manuseio de combustível de foguete — em inglês, *rocket fuel handler’s clothing outfit* (RFHCO): uma combinação de equipa-



mentos à prova de ar, líquido, vapor e fogo destinada a protegê-los do oxidante e do combustível.<sup>8</sup> O pessoal chamava o traje de “ref-co”. Lembrava um traje espacial de um filme de ficção científica do começo dos anos 1960. Tinha um capacete esférico branco destacável com rádio acionado por voz e visor de acrílico transparente. A roupa era quase branca, com um zíper comprido que começava no alto do ombro esquerdo, passava pelo tronco e ia até o joelho direito. Por baixo do RFHCO se usava uma segunda pele. Como as luvas e as botas pretas de vinil não eram acopladas, para manter a hermeticidade os punhos do traje se desenrolavam até encobrir os pulsos e os tornozelos. O RFHCO pesava quase dez quilos. O cilindro de oxigênio que o acompanhava pesava outros dezesseis e fornecia em torno de uma hora de ar. Era um equipamento pesado e desajeitado. Podia ser quente, grudento e desconfortável, especialmente quando usado fora do silo climatizado. Mas também podia salvar a vida de quem o usasse.

A tampa de pressão do oxidante do estágio 2 ficava no terço superior do míssil. Para alcançá-la, Powell e Plumb tinham de andar por uma plataforma de aço retrátil que saía da parede do silo. O cilindro alto e oco que continha o Titan II era envolto por outro cilindro de concreto com nove níveis internos onde eram guardados equipamentos. O nível 1 ficava quase no topo do míssil; o nível 9, quase seis metros abaixo do Titan II. As plataformas de trabalho, de aço, eram recolhidas às paredes por força hidráulica. Cada uma possuía uma borda de borracha rígida para não arranhar o Titan II e manter a menor distância possível entre a plataforma e o míssil.

Os dois homens entraram no tubo de lançamento no nível 2. Bem acima de suas cabeças, via-se uma porta de concreto do silo. Sua função era proteger o míssil de vento, chuva e efeitos de uma arma nuclear que detonasse nas proximidades. A porta pesava 740 toneladas. Bem abaixo deles, sob o Titan II, havia um defletor de chamas de concreto no formato de um W que direcionaria os gases quentes para baixo na hora do lançamento, e depois para cima e para fora do silo através de respiradouros. O míssil jazia no berço do sistema propulsor, um anel de aço no nível 7 que pesava aproximadamente doze toneladas. O berço era ligado às paredes por grandes molas, para que o Titan II fosse capaz de suportar um ataque nuclear, balançando-se sem tocar nas paredes em vez de se quebrar, e então decolar.

Além da ogiva W-53 e de algumas centenas de milhares de quilos de propelentes, muitas outras coisas ali no silo podiam detonar. Dispositivos eletroex-

plosivos<sup>9</sup> eram usados após a ignição para libertar o míssil do berço do sistema propulsor, separar o estágio 2 do 1, liberar o nariz. Além disso, o míssil continha numerosos motores de pequeno porte, com combustível sólido inflamável para ajustar a inclinação e o balanço da ogiva no meio do trajeto. O complexo de lançamento do Titan II fora cuidadosamente projetado para minimizar os riscos trazidos pela existência de tantos agentes inflamáveis e explosivos em seu interior. Detectores de fogo, sistemas de supressão de incêndio, detectores de vapor tóxico e chuveiros de descontaminação espalhavam-se por todos os nove níveis do silo. E eram reforçados por rigorosas regras de segurança.

Toda vez que um membro de uma equipe do PTS vestia um RFHCO, tinha de ser acompanhado por alguém usando um traje igual, e dois outros ficavam a postos, prontos para também usar seus trajes e dar apoio. Cada tarefa da Categoria I devia ser executada de acordo com uma checklist padronizada, que o chefe de equipe costumava ler em voz alta pela rede de comunicação de rádio. Tudo tinha de ser feito de um modo, e só um modo. A Ordem Técnica 21M-LGM25C-2-12, Figura 2-18, informava a Powell e Plumb exatamente o que fazer quando eles se encontrassem na plataforma próxima do míssil.<sup>10</sup>

“Passo 4”, disse o chefe de equipe do PTS pelo rádio. “Remova a tampa de pressão de desconexão no ar.”

“Entendido”, replicou Plumb.

“Cuidado. Ao executar o passo 4, não exceder 160 pés-libras\* de torque. Torque excessivo pode danificar o revestimento do míssil.”

“Entendido.”

Quando Powell estava usando uma chave de soquete para desatarraxar a tampa de pressão, o soquete se despreendeu da chave, caiu, bateu na plataforma e quicou. Powell tentou pegá-lo, mas não conseguiu.

Plumb viu o soquete de quatro quilos passar pelo estreito espaço entre a plataforma e o míssil, cair por uns vinte metros, bater no berço do sistema propulsor e ricochetear no Titan II. Pareceu acontecer em câmera lenta. Um momento depois, começou a jorrar combustível do míssil como água de uma mangueira de jardim.

“Ai, ai, ai”, pensou Plumb. “Isso não é nada bom.”<sup>11</sup>

\* Unidade do antigo sistema imperial britânico. Os 160 pés-libras equivalem aproximadamente a 217 joules. (N. E.)

# New Wave

Antes disso, naquele dia, o segundo-tenente Allan D. Childers se levantou por volta das cinco da manhã, tomou banho, vestiu a farda, deu um beijo de despedida na mulher, pegou sua mala com uma muda de roupa e saiu rumo à Base da Força Aérea em Little Rock para ouvir as instruções preparatórias.<sup>1</sup> Childers era o subcomandante de uma equipe de combate do míssil Titan II. Toda manhã, às sete horas, as equipes escaladas para ficar de prontidão se reuniam em um salão no quartel-general da 308ª Ala de Mísseis Estratégicos. A 308ª operava dezoito complexos de lançamento do Titan II no Arkansas, cada um com um único míssil e uma equipe de quatro homens. O lema da ala era *Non sibi sed aliis* — “não para si, mas para os outros”. Enquanto os oficiais mais graduados e os assessores se postavam na frente da sala de instrução, cada equipe de combate se sentava a uma mesinha própria.

Childers se sentou com seu grupo. O comandante era o capitão Michael T. Mazzaro, um brilhante jovem oficial de Massachusetts de cerca de 1,73 metro de altura e cabelos castanhos ralos. O sargento Rodney L. Holder era o técnico analista de sistemas de míssil, responsável por assegurar que o míssil estivesse sempre pronto para ser lançado. Parecido com Childers, era alto, magro, louro e usava óculos. O sargento Ronald O. Fuller, bem-apeesoado e com cara de bebê, era de Elmira, Nova York, e era o técnico de instalações do míssil. Cuidava

dos mecanismos internos da base de lançamento. Uma ou duas vezes por semana, os quatro começavam o dia em uma dessas reuniões de instrução, depois passavam as 24 horas seguintes juntos no subsolo, monitorando seu míssil, supervisionando a manutenção do local, em constante prática e treinamento, à espera da ordem de lançamento.

Childers não se encaixava no estereótipo do belicoso oficial do Comando Aéreo Estratégico (na sigla em inglês, SAC), ávido por bombardear os soviéticos e dar início ao Armagedom. Antes de entrar para a Força Aérea, por um ano ele usou cabelos até os ombros, trabalhava como DJ de madrugada numa rádio tocando acid rock e surfava o dia inteiro. Não era um hippie, mas também não acalentava nenhuma ambição de passar a vida como um oficial militar arrumadinho. Vivera a maior parte da infância na ilha japonesa de Okinawa, onde seu pai era mecânico de manutenção de aviões da Força Aérea. A família morava em uma *quonset hut*, uma construção de aço pré-fabricada da época da Segunda Guerra Mundial. Embora as acomodações não fossem nada luxuosas, crescer naquela ilha nos anos 1960 foi idílico. Childers passava um bom tempo deitado na praia ou mergulhando com cilindro de oxigênio. Na Base da Força Aérea em Kadena era quase impossível transpor a divisão social entre os oficiais e os soldados, como seu pai. Os dois grupos não se misturavam. Mas na escola de nível médio local ninguém parecia se importar com hierarquia militar ou distinções raciais. Os jovens brancos, negros e asiáticos andavam juntos, e em vários momentos Childers namorou filha de major e até filha de coronel. A maioria dos alunos tinha mãe ou pai no serviço militar. A Guerra do Vietnã não era um conflito distante e abstrato estudado na sala de aula; afetava diretamente quase todas as famílias. Childers tinha dois irmãos e uma irmã, e todos se orgulhavam do pai. Mas nenhum deles queria nada com as Forças Armadas.

Após concluir o ensino médio, em 1971, Childers se matriculou na Universidade do Arizona. Queria ser engenheiro. Desistiu depois de alguns semestres e voltou para Okinawa, onde foi trabalhar como disc jockey em uma emissora de rádio da ilha. Com dezenove anos, ele era o empregado mais novo da emissora, e lhe deram o turno da madrugada. Era o emprego dos seus sonhos. Da meia-noite às seis da manhã, Childers tocava suas músicas favoritas: Led Zeppelin, Neil Young, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Creedence Clearwater Revival. Os recrutas telefonavam pedindo músicas. Ele adorava dedicar canções a eles,

ler mensagens pelo rádio às suas famílias e namoradas. Terminado o trabalho, dormia até meio-dia, depois ia à praia.

A emissora de rádio de Okinawa saiu do ar em 1973. Childers foi para Tampa, na Flórida, onde esperava se matricular em um curso de rádio. Mas não tinha dinheiro para pagar os estudos e, depois de alguns meses procurando emprego, decidiu se alistar na Força Aérea. Previa que, de um jeito ou de outro, acabaria sendo mandado para o Vietnã. Servir numa base aérea parecia bem melhor do que carregar um fuzil e combater na selva. Quando Childers se alistou, preencheu um formulário solicitando que o alocassem no Serviço de Rádio e Televisão das Forças Armadas. Achava que a Força Aérea talvez lhe proporcionasse o treinamento para se tornar locutor de rádio. Mas errou no preenchimento e foi mandado para o jornal da Base Aérea de Norton, em San Bernardino, Califórnia. Gostou do serviço e se apaixonou por Diane Brandeburg, a analista de orçamento que trabalhava numa sala no fim do corredor. Em 1975 seu comandante o persuadiu a se tornar oficial, o que exigia diploma universitário. Por intermédio do Programa de Bolsa de Estudos e Comissionamento de Aeronautas, ele foi para o Chaminade College, em Honolulu, um ótimo lugar para se estudar e surfar. Diane estava servindo ali perto, na Base da Força Aérea em Hickam, e eles se casaram em 1977.

Os três irmãos de Childers acabaram servindo nas Forças Armadas. Seu irmão mais velho se alistou no Exército, sua irmã, na Força Aérea, e o caçula, na Marinha. E todos se casaram com militar ou alguém de uma família de militares. Childers percebeu depois que haviam sido atraídos de volta a um modo de vida com o qual tinham familiaridade. A carreira militar oferecia uma boa educação, um sentimento de missão, a oportunidade de fazer algo útil e um forte companheirismo com outros que haviam escolhido servir.

Os pilotos de combate e os pilotos de bombardeiro se consideravam, cada qual, no topo da hierarquia dos oficiais da Força Aérea. Apesar da intensa rivalidade, em uma coisa pelo menos eles concordavam: os missilheiros estavam muito abaixo deles. Servir em um centro de controle subterrâneo não tinha o glamour de incursionar pelo espaço aéreo inimigo ou ganhar o comando dos céus. A visão precária de Childers o desqualificava para a função de piloto da Força Aérea, e o corpo de missilheiros precisava de oficiais. Embora ele nada soubesse sobre mísseis balísticos intercontinentais (na sigla em inglês, ICBM) e menos ainda sobre o que fazia um oficial missilheiro, alistou-se no programa

antes de se formar na universidade. Não ligava para status nem para o esnobismo tradicional da Força Aérea. O trabalho parecia interessante e oferecia a oportunidade de comandar.

Childers passou seis meses estudando as operações do Titan II na Base da Força Aérea em Sheppard, no Texas, e na Base da Força Aérea em Vandenberg, na Califórnia. Como todos os que estavam em treinamento para trabalhar com o Titan II, ele leu com atenção o *Dash-1*, o manual técnico que explicava cada aspecto do sistema do míssil.<sup>2</sup> Passou horas em simuladores do centro de controle, onde eram praticados à exaustão os procedimentos que constavam nas checklists de lançamento e de riscos. Mas ele só viu um míssil Titan II de verdade quando cumpriu seu primeiro turno de prontidão no Arkansas e entrou no silo. Era frio lá dentro, como entrar numa geladeira, e o míssil parecia enorme.

Se uma ordem emergencial de guerra chegasse do quartel-general do SAC, cada oficial missilheiro teria de tomar uma decisão de consequências quase inimagináveis. Recebendo a ordem de lançar, Childers obedeceria sem hesitação. Ele não queria cometer assassinato em massa. No entanto, a única coisa que impedia a União Soviética de destruir os Estados Unidos com armas nucleares, segundo a teoria da dissuasão da Guerra Fria, era a ameaça de também ser aniquilada. Childers tinha fé na lógica da dissuasão nuclear: sua disposição para lançar o míssil assegurava que ele nunca seria lançado. Em Vandenberg ele aprendera as categorias e localizações gerais dos alvos do Titan II. Alguns ficavam na União Soviética, outros na China. Mas nunca se informava a uma equipe para onde seu míssil apontava. Esse tipo de conhecimento poderia gerar hesitações. Como quatro integrantes de um pelotão de fuzilamento em que um deles portasse um fuzil sem munição, uma equipe de missilheiros devia obedecer à ordem de disparar, porém cada membro não tinha responsabilidade pessoal pelo resultado.

Depois de seis semanas de treinamento em Little Rock, em 1979 Childers se tornou subcomandante em um complexo do Titan II. No ano seguinte, foi promovido e se juntou a Mazzaro, Holder e Fuller em uma equipe de instrutores. Em vez de passar meses ou anos em turnos de prontidão no mesmo complexo de lançamento como as equipes típicas, uma equipe de instrutores levava o pessoal em treinamento a complexos diferentes. Naquela manhã de 18 de setembro, Childers e seu grupo planejavam levar um estudante, o segundo-tenente Miguel Serrano, a um turno de prontidão de 24 horas no Complexo de

Lançamento 374-5, nos arredores da cidade de Springhill. Os homens sempre gostavam de ir ao “4-5”. Como era mais próximo da base do que alguns dos outros complexos, eles podiam chegar lá mais rápido e voltar para casa mais cedo no dia seguinte.

As instruções preparatórias sempre começavam com a chamada. Quando se certificavam de que cada complexo de lançamento estaria com o pessoal completo, os oficiais graduados da unidade conversavam com os cerca de oitenta membros da equipe de combate a respeito de questões de manutenção, novas diretrizes de segurança, mudanças na ordem emergencial de guerra e a previsão do tempo mais recente. O clima era um fator crucial em qualquer trabalho de manutenção que envolvesse combustível, oxidante ou o veículo de reentrada. Algumas reuniões de instrução incluíam uma apresentação de slides sobre questões de inteligência e a situação do mundo.

Em 18 de setembro de 1980 o mundo estava conturbado. O presidente do Iraque, Saddam Hussein, anunciara no dia anterior que o tratado que definia a fronteira entre seu país e o Irã não valia mais. Tropas dos dois países já estavam combatendo em escaramuças no Cuzistão, uma província meridional iraniana. O ministro das Relações Exteriores do Irã condenara a “invasão hostil [...] pelo regime iraquiano”,<sup>3</sup> e parecia iminente uma guerra pelo território em disputa. Em Teerã, 52 americanos continuavam em cativeiro, quase um ano depois de terem sido capturados na embaixada americana local. Uma tentativa fracassada de resgate por militares americanos na primavera de 1980 levava os Guardas Revolucionários do Irã a tirar os reféns da embaixada e espalhá-los por toda a cidade. Imagens de multidões de iranianos queimando bandeiras americanas e gritando “morte ao Grande Satã!” tinham virado rotina na TV toda noite, e o governo americano parecia impotente para tomar qualquer providência.

Enquanto isso, as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética haviam atingido o ponto mais baixo desde a Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962. Os soviéticos tinham invadido o Afeganistão nove meses antes, mobilizando mais de 100 mil soldados em uma campanha que muitos temiam ser apenas a primeira etapa de um ataque mais abrangente aos países produtores de petróleo do Oriente Médio. Os Estados Unidos haviam reagido à invasão, impondo um embargo de grãos à União Soviética e boicotando os Jogos Olímpicos.

picos disputados na ocasião em Moscou. Mas nada dizia que alguma dessas punições forçaria a retirada soviética de Cabul. Por toda parte, a influência dos Estados Unidos parecia declinar. Em 17 de setembro, o International Institute for Strategic Studies, um renomado *think tank* britânico, publicou um relatório argumentando que os novos e mais precisos ICBMs da União Soviética haviam tornado os ICBMs americanos vulneráveis a ataques.<sup>4</sup> Os Estados Unidos estavam ficando para trás não apenas em armamento nuclear, dizia o relatório, mas também em aviões, tanques e forças terrestres.

Em meio a esse cenário internacional desalentador, o povo americano parecia igualmente desacorçoado. A economia dos Estados Unidos estava em recessão, com inflação alta e taxa de desemprego em torno de 8%.<sup>5</sup> A escassez de gasolina trazia a perspectiva de racionamento e de medidas federais para limitar o uso do automóvel. Watergate, a Guerra do Vietnã e a crise de energia haviam abalado a fé na capacidade do governo de realizar qualquer coisa. O presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, fizera uma dura crítica ao estado de espírito nacional. Em um discurso transmitido no horário nobre pelas três principais redes de TV, o presidente alertou que os Estados Unidos estavam diante de uma ameaça invisível: “uma crise de confiança”.<sup>6</sup> O bom e velho otimismo americano fora substituído por um desesperançado e egocêntrico culto ao consumo. “Acumular bens materiais não pode preencher o vazio de vidas sem significado nem propósito”, disse Carter. Ele concluiu o discurso em um tom mais prático, esboçando meia dúzia de medidas para favorecer a energia renovável e eliminar a dependência do petróleo estrangeiro. Mas a mensagem subjacente era que os problemas mais importantes do país nunca poderiam ser resolvidos pelo Congresso ou pelo presidente, e Carter exortou os ouvintes a assumir a responsabilidade por seu próprio destino. “Nem toda a legislação do mundo é capaz de consertar o que está errado nos Estados Unidos”, ele ponderou.

Muitos democratas e republicanos discordavam. Para eles, o problema era Jimmy Carter, e não uma vaga crise existencial da alma americana. Estavam em ano de eleição presidencial, e Carter conseguira ser escolhido candidato dos democratas depois de uma acirrada disputa nas primárias com o senador Edward M. Kennedy. Apesar dessa vitória, os índices de aprovação de Carter despencaram. A crise dos reféns no Irã trazia más notícias a cada dia. E um relatório oficial sobre a malograda tentativa de resgate, descrevendo como oito soldados americanos morreram e meia dúzia de helicópteros dos Estados Uni-



dos carregados de documentos secretos tinham sido abandonados no deserto, suscitou dúvidas sobre o preparo das Forças Armadas.<sup>7</sup> Embora Carter fosse cristão devoto, um grupo evangélico recém-criado, a Maioria Moral, criticava seu apoio à legalização do aborto e a uma emenda constitucional para garantir a igualdade de direitos às mulheres. Uma pesquisa feita em meados do ano indicou que 77% da opinião pública americana desaprovava a atuação do presidente Carter na Casa Branca: uma taxa de desaprovação maior que a do presidente Nixon no auge de Watergate.<sup>8</sup>

O candidato republicano à presidência, Ronald Reagan, tinha um temperamento mais otimista. “Eu me recuso a aceitar a visão derrotista e pessimista [de Carter] sobre os Estados Unidos”, disse Reagan.<sup>9</sup> O país não podia se dar ao luxo de “mais quatro anos de fraqueza, indecisão, mediocridade e incompetência”.<sup>10</sup> Reagan propunha grandes cortes nos impostos, menos interferência do governo, desregulamentação, aumento dos gastos com defesa para confrontarem a ameaça soviética, e a renovação da fé no sonho americano. O popular candidato de um terceiro partido, o deputado John B. Anderson, apresentava-se como centrista e rotulava Reagan como extremista de direita e Carter como um “desastrado”.<sup>11</sup> Anderson concordava que as coisas estavam fundamentalmente erradas nos Estados Unidos. “As pessoas acham que o país está desmoronando”, ele disse.<sup>12</sup>

A inquietação latente do país impulsionou as vendas de um best-seller de não ficção em fins de setembro: *Crisis Investing: Opportunities and Profits in the Coming Great Depression* [Investir na crise: Oportunidades e lucros na Grande Depressão iminente].<sup>13</sup> Vários romances campeões de venda também abordavam os temores generalizados quanto ao futuro da nação americana. *A alternativa do diabo*, de Frederick Forsythe, descrevia um plano soviético para invadir a Europa Ocidental. *O quinto cavaleiro*, de Larry Collins e Dominique Lapierre, falava de uma trama líbia para chantagear os Estados Unidos com uma bomba de hidrogênio escondida na cidade de Nova York. *A traição*, de Arnaud de Borchgrave e Robert Moss, contava a história de um jornalista americano de esquerda que descobre planos soviéticos para dominar o mundo, mas não consegue persuadir seu editor liberal a publicá-los.

Talvez o mais influente campeão de vendas do ano tenha sido *A Terceira Guerra Mundial: Agosto de 1985*, um romance escrito por um general britânico da reserva, Sir John Hackett. O livro fazia um relato envolvente e realista de uma

guerra total entre a Otan e o bloco soviético. Depois de uma longa série de batalhas de tanques na Europa, as cidades britânicas de Birmingham e Wolverhampton são incineradas por um ataque nuclear soviético. A cidade russa de Minsk é atingida por armas nucleares na retaliação, e o choque de sua destruição causa o rápido colapso da União Soviética. A moral da história era clara: os Estados Unidos e seus aliados precisavam aumentar seus gastos militares. “Nos últimos anos antes da eclosão da guerra, o Ocidente começou a acordar para o perigo que corria”, escreveu Hackett, “e no tempo de que dispunha se empenhou apenas o suficiente para reparar suas defesas negligenciadas de modo a, por uma minúscula margem, sobreviver.”<sup>14</sup> Ronald Reagan mais tarde enalteceu *A Terceira Guerra Mundial* como um livro excepcionalmente importante.<sup>15</sup> E a obra contribuiu para o surgimento de um novo gênero literário, o “techno thriller”, que celebrava o heroísmo militar, dava papel central na narrativa aos intrincados detalhes dos armamentos e atribuía as vitórias na Guerra Fria ao uso adequado da força.<sup>16</sup>

Na TV, *Os Waltons*, uma duradoura série sobre as dificuldades de uma família comum durante a Grande Depressão, estava ameaçada de cancelamento. Em vez de querer saber como o jovem protagonista, John Boy, venceria a adversidade, os telespectadores americanos estavam muito mais interessados em descobrir quem matara J. R., o bilionário personagem principal da nova série, *Dallas*. Outros dramas familiares sobre gente rica e problemática surgiram: *Dinastia*, *Falcon Crest*, *The Colbys*. Séries cômicas sobre problemas da atualidade ou o dia a dia das classes trabalhadoras, como *MASH*, *Maude*, *Sanford and Son*, *Tudo em família*, viraram relíquias de outra era. Em Hollywood, o ano de 1980 assinalou o fim do cinema de viés acentuadamente pessoal, com a marca imperiosa do diretor, predominante na década anterior. Com exceção de *Touro indomável*, de Martin Scorsese, e *Gente como a gente*, de Robert Redford, que estrearia em 19 de setembro, os filmes mais destacados foram comédias de produção milionária, filmes de ação e continuações como *Desta vez te agarro II*.

A música popular de um momento histórico pode ser mais memorável e evocativa do que os livros, a política ou os filmes. Várias músicas lançadas em 1980 tinham o dom de grudar na cabeça e resistir a todas as tentativas de esquecê-las: “Do That to Me One More Time”, de Captain & Tenille; “You May Be Right”, de Billy Joel; “Sailing” e “Ride Like the Wind”, de Christopher Cross. A música de discoteca finalmente estava morta; seu destino fora selado pelo

fechamento da danceteria Studio 54 e pelo lançamento do filme *A música não pode parar*, do grupo Village People. O punk também estava morto, substituído pela new wave mais leve e dançante de Devo, The Police, The B-52's e Talking Heads. O rock pesado dos Rolling Stones dera lugar aos sons pop mais suaves de “Emotional Rescue”. O Led Zeppelin se desfez, transformando Van Hallen na banda de heavy metal favorita dos americanos. Girava-se o botão do rádio e em quase todas as emissoras FM se ouvia o selvagem se tornando suave. O *outlaw country* já não ameaçava o establishment de Nashville. Passara a integrar a corrente dominante com os sucessos “On the Road Again”, de Willie Nelson, e “Theme from the Dukes of Hazzard”, de Waylon Jennings. Bob Dylan se recusava a cantar qualquer uma de suas antigas canções. Renascido e na estrada, ele só tocava gospel. John Lennon estava em Nova York, gravando um novo álbum pela primeira vez em anos e na expectativa de seu quadragésimo aniversário dali a algumas semanas. “A vida começa aos quarenta, e a gente pensa: ‘Uau! O que será que vem agora?’”, disse Lennon numa entrevista.<sup>17</sup>

Em retrospectiva, é fácil dizer que determinado ano representa uma virada na história. No entanto, às vezes a importância de certos acontecimentos contemporâneos é percebida no próprio momento. Os Estados Unidos dos anos 1960 e 1970, com seu liberalismo e sua tumultuada contracultura, estavam prestes a se transformar em algo diferente. Mil novecentos e oitenta, o começo de uma nova década, foi quando essa mudança se tornou palpável, de maneiras ao mesmo tempo triviais e reveladoras. Na primeira semana de setembro, o ativista e radical antiguerra Abbie Hoffman se rendeu às autoridades federais depois de mais de seis anos em fuga. Antes de se entregar, Hoffman foi entrevistado por Barbara Walters no horário nobre da TV. Outro líder radical, Jerry Rubin, pouco antes escolhera um caminho diferente. Em 1967, Hoffman e Rubin haviam jogado dólares pela sacada da Bolsa de Valores de Nova York em protesto contra os males do capitalismo. Em 1980, Rubin foi trabalhar como analista de investimento em Wall Street. “Política e rebelião distinguiram os anos 60”, ele se justificou no *New York Times*.<sup>18</sup> “O dinheiro e o interesse financeiro serão a paixão dos anos 80.” Rubin mais uma vez detectara uma guinada na cultura e tentava se situar na vanguarda. Na época, o financista mais bem pago dos Estados Unidos era Roger E. Anderson, presidente do Continental Illinois National Bank, que ganhava cerca de 710 mil dólares por ano.<sup>19</sup> As remunerações logo se avultariam em Wall Street. Terno e gravata estavam de novo na

moda. Bigode, barba e calças boca de sino agora eram cafonas, e um irônico guia do novo Zeitgeist, *The Official Preppy Handbook* [Manual oficial do mauricinho], acabava de chegar às livrarias. Em um discurso na convenção dos republicanos naquele verão, o deputado Jack Kemp salientara o que outros ainda não admitiam ou percebiam: “Uma nova onda está chegando, uma onda política tão poderosa quanto a que surgiu em 1932, quando uma era de dominância republicana deu lugar ao New Deal”<sup>20</sup>.